

HISTÓRIA ORAL DO PRIMEIRO NIPO-BRASILEIRO A INGRESSAR NO ITAMARATY ^{1 2}

ORAL HISTORY OF THE FIRST JAPANESE-BRAZILIAN TO JOIN ITAMARATY

Kwang Yoon Lee ³

Young Chul Kim ⁴

Monica Setuyo Okamoto ⁵

Resumo: De acordo com o Censo 2010, a população asiática no Brasil cresceu 177% nos últimos anos, totalizando assim 2,084 milhões de residentes asiáticos. Dentro desse cenário, as nossas instituições educacionais continuam dando pouca ou quase nenhuma atenção aos estudos étnicos de grupos minoritários. Este estudo de história oral tem, portanto, como objetivo repensar a representatividade dos *nikkei* dentro da sociedade brasileira. Foi selecionada a história oral de Edmundo Fujita, primeiro nipo-brasileiro a ingressar no Itamaraty. Por meio deste testemunho, chegamos à conclusão, ainda parcial, de que a presença de um asiático em um segmento profissional como o do Itamaraty representou políticas e ações positivas por parte do governo federal, além de representar um incentivo e modelo a outros grupos étnico-raciais anteriormente não representados.

Palavras-chave: História oral, Edmundo Fujita, Itamaraty, Grupo minoritário étnico, Nipo-brasileiro.

1 Artigo submetido em 26/07/2019 e aceito em 11/12/2019.

2 Este trabalho conta com o apoio do *Global Research Network Program* do Ministério da Educação da República da Coreia e faz parte do Grupo de Pesquisa da *National Research Foundation of Korea* (NFR -2017S1A2A2041735).

3 Professor Doutor e Diretor do Departamento de Língua Portuguesa da *Busan University of Foreign Studies* (BUFS); noelalee@bufs.ac.kr (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1549-3982>).

4 Professor Doutor do Departamento de Língua Portuguesa da *Busan University of Foreign Studies* (BUFS); E-mail: latin@bufs.ac.kr (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-001-1500>).

5 Professora Doutora da Área de Japonês, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil; Doutorado em Letras (pela Universidade de São Paulo; setuyo2@gmail.com (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3014-6783>).

Abstract: According to the 2010 Census, the Asian population in Brazil has grown 177% in the last few years, thus totaling 2.084 million Asian residents. Within this scenario, our educational institutions continue to pay little or no attention to the ethnic studies of minority groups. This study of oral history aims, therefore, to rethink the representativeness of Nikkei within Brazilian society. The oral history of Edmundo Fujita, the first Japanese-Brazilian to join Itamaraty, was selected. Through this testimony, we came to the still partial conclusion that the presence of an Asian in a professional segment such as Itamaraty represented positive policies and actions by the federal government, as well as providing an incentive and model for other ethnic groups previously unrepresented.

Keywords: Oral history, Edmundo Fujita, Itamaraty, Ethnic minority group, Japanese-Brazilian.

1. Introdução

Este estudo de história oral tem como objetivo repensar a representatividade dos *nikkei* dentro de alguns segmentos profissionais brasileiros, tomando como base um estudo de caso de Edmundo Sussumu Fujita, o primeiro nipo-brasileiro a ingressar no Itamaraty em 1975. Repensar por que até hoje muito se tem ressaltado acerca da visibilidade positiva dos imigrantes japoneses e seus descendentes por terem alcançado sucesso econômico por meio do esforço, da disciplina, mas, principalmente, da educação (CANTO, 2008; CAMACHO, 2012; SHIBATA, 2009). Índices altos de aprovação de nipo-brasileiros nos cursos tradicionais mais concorridos, sobretudo Medicina, Engenharia e Direito das principais universidades públicas brasileiras, desde a década de 1960, comprovam a fama dos *nikkei* e o bordão: “mate um japonês hoje e garanta a sua vaga na universidade amanhã” (LESSER, 2001).

Entretanto, há outro lado da história imigrante, e nesse sentido lançamos a provocação: o que o embaixador Edmundo Sussumu Fujita, a cineasta Tizuka Yamasaki e a apresentadora e modelo Sabrina Sato teriam em comum, além da ascendência japonesa? Eles foram pioneiros em campos profissionais, onde a representatividade dos asiáticos permaneceu negativa por muito tempo, e mesmo atualmente ela é considerada discreta. Assim, este projeto de história oral⁶, desenvolvido com os alunos e as alunas de graduação em Letras Japonês da Universidade Federal do Paraná, tem como interesse investigar o porquê dessa representação com números tão baixos e esclarecer se a causa dessa situação está ligada à falta de espaço dado pela sociedade brasileira a esse grupo étnico nesses campos de atuação e/ou se a causa está ligada ao desestímulo que os jovens *nikkei* sentem em iniciar uma carreira nessas áreas, por acreditarem que o campo é restrito a eles. Qual o pensamento e a opinião desses nipo-brasileiros acerca dessa questão? Como eles analisam a sua inserção social no mundo predominantemente branco? Eles sentem que ainda são estigmatizados por estereótipos?

Historicamente, os *nikkei*, por várias razões, mas principalmente econômica, costumavam escolher carreiras tradicionais de prestígio social. Nas décadas de 1960

6 Este trabalho faz parte do Projeto de Extensão Universitária: Arquivo de História Oral de Grupos Minoritários Étnicos, da UFPR, coordenado pela Professora Doutora Monica Okamoto.

e 1970, segundo o consulado japonês, havia somente no Estado de São Paulo, 560 engenheiros, 1.350 médicos, cinco juizes e 450 advogados *nikkei* (LESSER, 2008, p. 45). Na atualidade, a situação não é muito diferente, ao observarmos a pesquisa realizada pelo G1, em 2015, acerca do perfil racial dos candidatos dos dez cursos mais procurados no vestibular na Universidade de São Paulo:

Quadro 1 - Fuvest 2015: Perfil racial dos calouros dos dez cursos mais concorridos

Cursos	Brancos	Pretos	Pardos	Amarelos	Indígenas
Medicina (SP)	234 (78%)	4(1,3%)	30(10%)	32(10,7%)	0
Medicina (RP)	77(77%)	0	20(20%)	3(3%)	0
Psicologia	55(78,6%)	0	7(10%)	8(11,4%)	0
Engenharia civil	47(78,3%)	2(3,3%)	6(10%)	5(8,3%)	0
Artes cênicas	11(73,3%)	0	4(26,7%)	0	0
Audiovisual	25(71,4%)	0	6(17,1%)	4(11,4%)	0
Jornalismo	50(83,3%)	4(6,7%)	5(8,3%)	1(1,7%)	0
Publ. e propag.	38(77,6%)	0	8(16,3%)	3(6,1%)	0
Rel. internac.	48(80%)	2(3,3%)	8(13,3%)	2(3,3%)	0
Arquitetura	38(84,4%)	0	6(13,3%)	1(2,2%)	0
Total na USP	8.282(74,7%)	391(3,5%)	1.642(14,8%)	733(6,6%)	0

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/06/nao-ha-calouros-pretos-em-6-dos-10-cursos-mais-concorridos-da-fuvest.html>. Consulta: 05/07/2017. (grifo nosso)

As áreas consideradas tradicionais e de prestígio como Medicina e Engenharia continuam com maior procura pelo grupo étnico asiático, em contraponto ao curso de Artes Cênicas e de Jornalismo. Ainda, segundo a reportagem, os cursos de Engenharia da Poli e de Direito da Faculdade São Francisco, que estão entre os mais concorridos na lista de candidatos por vaga, também figuram entre os mais procurados pelos *nikkei*. Entre os 872 calouros do curso de engenharia da Poli, 132 (12,1%) se autodeclararam

amarelos.⁷ Dessa forma, notamos que muitos *nikkei* ainda optam por carreiras em áreas tradicionais, e que, por outro lado, certos segmentos profissionais continuam com pouca representatividade do grupo étnico japonês.

Impulsionados pela curiosidade desse fato, iniciamos a pesquisa em torno de personalidades da elite *nikkei*. O intuito foi não só reconstruir os eventos e as memórias desses depoentes, mas o pensamento e a trajetória profissional desse grupo de intelectuais, empreendedores e artistas que foram pioneiros em áreas de predominância “branca”. Dessa forma, neste trabalho selecionamos a história oral de Edmundo Sussumu Fujita (1950-2016), primeiro asiático a ingressar no Itamaraty, na intenção de investigar as problemáticas em torno deste assunto. A ideia é analisar como Edmundo venceu barreiras sociais, econômicas e, sobretudo, raciais, para ocupar um papel de relevância dentro da sociedade brasileira.

Infelizmente, o embaixador Edmundo Fujita faleceu em abril de 2016, interrompendo, assim, os depoimentos. Ele concedeu sua última entrevista, um mês antes de seu falecimento. Diante dessa situação, optou-se em dar prosseguimento ao projeto colhendo relatos da esposa, a embaixatriz Maria Ligaya Fujita, dos amigos de infância e dos colegas do Ministério das Relações Exteriores.

Entretanto, antes de relatar sobre a vida de Fujita, é oportuno narrarmos brevemente sobre a história exclusivista do Itamaraty que, ao longo de sua existência (criada em 1736), teve em seu corpo diplomático a presença quase que exclusiva da elite branca carioca. Essa contextualização se faz necessária para se entender a dimensão da relevância desse nipo-brasileiro que quebrou um dos maiores paradigmas dentro do Itamaraty: o preconceito racial.

2. O preconceito no Itamaraty

Foi com esse título que Carlos Conde publica na revista Política Externa um pequeno artigo acerca da visão elitista da chancelaria brasileira. Conde comenta a entrada do primeiro diplomata negro no Brasil em 1978 como um “fenômeno auspicioso na sociedade brasileira e na do Itamaraty” (CONDE, 1978, p. 15) Para Conde, a justificativa dada pelo Instituto de problemas socioeconômicos e não, étnicos, para a ausência de negros na carreira diplomática “não esgota o assunto”, pois o preconceito racial era uma realidade no velho Itamaraty que excluía não só candidatos negros, mas também amarelos.

Esse caráter elitista, na verdade, possui uma longa história. Por muito tempo, a nação brasileira sofreu com a imagem de povo degenerado pela mestiçagem e, por essa razão, a elite brasileira do final do século XIX e começo do século XX tenta mudar a imagem do Brasil no Velho Continente revitalizando a cidade do Rio de Janeiro, então, capital brasileira. Entretanto, essa modernização de fachada não se limitou à reforma

7 De acordo com o IBGE 2010, a presença de amarelos no Estado de São Paulo é de 1,3%.

da cidade, a própria elite carioca representada, sobretudo pelos diplomatas, tentou também projetar uma imagem positiva do povo brasileiro negando qualquer indício de degeneração racial. (NEEDEL, 1993)

O corpo diplomático brasileiro era formado por homens brancos, fisicamente de porte, de grande estatura e vigorosos. Sem dúvida, os representantes do Itamaraty em nada lembravam a figura do mestiço “degenerado”, ao contrário, eles apresentavam um ar de refinamento e de educação privilegiada.

Assim, a aprovação de Edmundo Fujita no Rio Branco, na década de 1970, certamente, foi um marco para a representação dos nipo-brasileiros em uma carreira restrita até então à elite branca brasileira. Além do mérito acadêmico de Fujita, acreditamos também que o governo brasileiro, posteriormente, tentou dar o primeiro passo para uma ação afirmativa com o intuito de promover oportunidade e inclusão a outras etnias e acabar com a representatividade negativa de negros e amarelos no Itamaraty.

3. Amigos de infância de Fujita. O papel da educação

Ao levantar a história de vida de Edmundo Fujita foi possível notar que a sua infância e adolescência na década de 1960 na cidade de São Paulo não teve características peculiares a um jovem *nikkei*. A começar pela formação educacional no renomado Colégio Liceu Pasteur, onde Edmundo teve a oportunidade de participar do coral ministrado pelo maestro Walter Lourenção, de aprender a tocar piano e flauta e de estudar francês. Ao contrário da realidade de muitos *nisseis* (segunda geração), sobretudo daqueles que viviam em zonas rurais no interior de São Paulo e outros Estados; o jovem Fujita parece não ter tido problemas com o aprendizado do português e ajustamento com os colegas e amigos da escola brasileira, justamente porque não teve que conviver com dois ambientes distintos: o da escola japonesa e o da escola brasileira (fato comum que ocorria nas colônias japonesas das zonas rurais). De acordo com o relato de seu amigo de infância, Augusto Mazzola, Fujita era o único descendente da classe, com exceção de uma menina mestiça. Foi nesse ambiente, longe da colônia e com total entrosamento entre os colegas não descendentes, que Fujita teve a sua formação educacional. Seus melhores amigos, Augusto (descendente de italianos) e Carlos (descendente de alemães) formavam o que Fujita costumava chamar de “eixo”. Ainda de acordo com a entrevista de Augusto, eles costumavam se reunir todos os dias na casa de Edmundo para estudar, jogar pingue-pongue e ouvir os discos dos Beatles. A mãe de Edmundo, sempre solícita, costumava preparar um lanche aos amigos do filho, como nos contou Augusto⁸.

Sobre essa integração e socialização dos *nisseis*, Ruth Cardoso (1959) comenta que:

8 Entrevista de Augusto Mazzola concedida no dia 24 de abril de 2017.

Como todo imigrante, o japonês pretende uma rápida ascensão, e espera dos filhos sucesso econômico ou adoção de uma carreira que lhe garanta “status” mais elevado. Esta expectativa exige um relativo entrosamento dos jovens à sociedade brasileira, levando o *issei* a aprovar e admitir um círculo de convivência, fora da família, em que age como brasileiro. (p. 321)

No caso de Edmundo, seus pais, por viverem na cidade, aceitavam essa integração do filho com os amigos não *nikkei* com mais naturalidade, ao contrário do que se costumava ver em alguns núcleos nipônicos da zona rural, onde os filhos se mantinham mais ligados à família, à escola japonesa e à comunidade japonesa.

Apesar da educação relativamente “abrasileirada” de Edmundo, seus pais mantinham algumas diretrizes muito comuns nos imigrantes da época. Eles esperavam que Edmundo, como filho mais velho, continuasse os negócios da família e dedicasse os estudos em uma área tradicional. Era muito comum que nisseis, do pós-guerra, até meados da década de 1970, recebessem uma dupla orientação da família: alcançar ascensão social e econômica dentro da sociedade brasileira por meio dos estudos e, concomitantemente, manter os valores e o pensamento tradicional japonês. Essa identidade mista ou “sincrética”⁹(CUCHE, 2002), na qual o nissei se sente totalmente brasileiro, mas conserva a educação tradicional dos ascendentes, é muito comum ainda nos dias de hoje entre a terceira e até quarta gerações. E segundo o próprio embaixador Edmundo, essa identidade mista foi mais um ganho do que um obstáculo em sua carreira, pois permitiu que ele transitasse por dois mundos, quase que opostos, com naturalidade.

Quanto a essa questão da educação dos filhos dos imigrantes japoneses nesse período (década de 1960 e 1970), é necessário um adendo acerca do assunto com o propósito de se compreender o porquê Edmundo, de certa forma, foge dos padrões da época.

Em geral, os isseis (imigrantes japoneses ou primeira geração) tinham a intenção de tornar seus filhos, herdeiros da tradição cultural japonesa. Para muitas famílias que viviam em regiões agrícolas, o isolamento em núcleos étnicos exclusivos facilitou a manutenção dessa tradição. (CARDOSO, 1973, p. 319)

Nesses núcleos, era comum a existência de escolas japonesas, onde sentimentos de patriotismo e civismo em relação ao Japão eram constantemente lembrados e reforçados no ensino da língua japonesa e nas atividades. Contudo, mesmo dentro desse ambiente exclusivista, os nisseis dos núcleos colônias eram pressionados pelos pais a ultrapassarem esse círculo fechado das escolas japonesas e do seio familiar e se integrarem à sociedade brasileira, mudando-se para a capital a fim de prosseguirem com os estudos. Assim, o nissei dessa época tinha como missão ascender socialmente por meio da escolha de uma carreira, considerada pelos pais e pela comunidade, como

9 Segundo Deny Cucho, identidade sincrética é a “(...) adição de duas identidades para uma só pessoa.”

sendo “segura” (Direito, Engenharia ou Medicina), integrar-se à sociedade brasileira; e, ao mesmo tempo, tornar-se membro da comunidade japonesa.

Dessa forma, percebemos que a formação de Fujita seguiu meandros pouco comuns aos jovens *nikkei* de seu tempo, especialmente, no que diz respeito a sua formação educacional. Seu gosto musical pelos clássicos e eruditos, sua proficiência em francês e inglês maior que em japonês; seu interesse maior pelas áreas de Humanas, como filosofia e artes, em detrimento à área de Exatas, revelam que Fujita destoava do modelo de educação seguida pela maioria dos *nikkei* da época.

4. Entrada no Rio Branco

No ano de 1975, Edmundo Sussumu Fujita ganhou destaque em matérias de jornais brasileiros e da imprensa em língua japonesa no Brasil, pelo fato de ser o primeiro nipo-brasileiro a entrar no Itamaraty. O jovem Edmundo, então com vinte e cinco anos, parece ter ficado surpreso com o artigo do jornal dando ênfase a sua descendência nipônica, segundo o relato de sua esposa, Maria Ligaya, e, ao que parece, até aquele momento nunca havia pensado no peso de sua etnicidade em um campo profissional. Por ter sido pioneiro e permanecido como o único asiático no Itamaraty por quase vinte anos, o embaixador Fujita certamente abriu precedentes e deixou um legado para as futuras gerações de diplomatas nipo-brasileiros.

Na verdade, foi deste ponto, em um almoço informal com a esposa de Fujita, a embaixatriz Maria Ligaya, que o projeto teve início em meados de julho de 2016. Ao iniciar o projeto de escrever sobre a trajetória de vida e o pensamento do embaixador Edmundo Fujita, viajei¹⁰ para Brasília e me hospedei por três dias na casa da embaixatriz. No escritório do casal, Maria Ligaya me mostrou meia dúzia de pastas, nas quais havia organizado em ordem cronológica todos os documentos, cartas, artigos de jornais, bilhetes, convites e fotos do marido ao longo de sua carreira na chancelaria. Na realidade, esse arquivo pessoal havia sido selecionado e guardado pelo próprio embaixador Fujita, o que nos dá uma ideia de como ele desejava se constituir; direcionando, de certa forma, o sentido que deu à própria vida. Entretanto, essa vida linear e positivista construída pelo casal por meio das pastas organizadas atesta aquilo que Pierre Bourdieu (2006) chamou de “ilusão biográfica”, pois sabemos que a trajetória de qualquer indivíduo, de destaque social ou não, apresenta variações ao longo da vida. Segundo Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (p. 185).

10 Monica Setuyo Okamoto foi quem realizou todas as entrevistas no Brasil na qualidade de pesquisadora do Grupo de Pesquisa da *National Research Foundation of Korea* (NFR -2017S1A2A2041735).

E, de fato, paralela às informações cuidadosamente selecionadas e arquivadas nas pastas pelo casal, havia um mosaico de informações que a decoração e o ritmo da casa (preenchida com jantares com amigos e a presença das mascotes da família: cachorros Shiba) apresentavam: um casal sem filhos que adorava cachorros, apreciava a boa gastronomia e a visita de amigos. Além dos três dias em que passei na casa do embaixador em Brasília, observando o escritório repleto de fotos, livros e objetos de arte; o “jardim japonês” compoendo a parte externa da residência e as telas com pinturas do próprio Edmundo produzidas em um passado recente; tive a oportunidade de visitar o apartamento do casal em São Paulo por dois dias, onde também foi possível perceber como a vida de Edmundo Fujita parecia ter voltado às suas origens nos últimos anos de sua vida. A aproximação com a família, sobretudo com os sobrinhos, o reestabelecimento de antigas amizades de colégio e a volta à cidade de São Paulo, após percorrer o mundo, conotam que Fujita repensou os experimentos de seu passado, num processo de lembranças, esquecimentos e invenções, nos dois últimos anos de sua vida.

5. Conclusão

Em sua última entrevista, Fujita declara que sua ascendência facilitou o trânsito entre o Japão e o Brasil em aspectos culturais e políticos. Ao que parece, graças a sua educação de elite branca e certa liberdade familiar, o embaixador desenvolveu uma identidade étnica com orientação mais progressiva e transnacional que muitos nipo-brasileiros de sua época. Esse *nikkei* bem-sucedido que não seguiu caminhos considerados “seguros” e “tradicionais”, certamente remodelou estereótipos e paradigmas acerca dos japoneses e seus descendentes, abriu precedentes para as gerações posteriores e, por fim, contribuiu para a integração, a representatividade e a inclusão desse grupo étnico no cenário político e social brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BOURDIER, Pierre A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- CAMACHO, L.M.Y. Valores culturais japoneses presentes na educação dos nipo-brasileiros. In: KISHIMOTO, T.M.; DERMATINI, Z. B. F (orgs.) *Educação e cultura: Brasil e Japão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 91-106.
- CANTO, C. *Descendência japonesa e o bom desempenho em matemática: uma reflexão sobre as causas*. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 317-345.

- CONDE, Carlos. O preconceito no Itamaraty. In: **Revista Política Externa**. São Paulo: Paz e Terra, 03 de agosto de 1978. p. 15
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.
- LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Tradução Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- O Estado de S. Paulo. Censo 2010: População asiática no Brasil cresceu 177% em dez anos. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,censo-2010-populacao-asiatica-no-brasil-cresceu-177-em-dez-anos,748616>. 22 de julho de 2011. Consulta em: 05/07/2017.
- SHIBATA, H. *Da Casa de Pau-a-Pique aos Filhos Doutores: Trajetórias Escolares de Gerações de Descendentes Japoneses (dos anos 1950 aos 1990)*. 221f Tese (Doutorado em Educação) Faculdade em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.